

**A RECORDAÇÃO INFANTIL E A CONSTELAÇÃO PARENTAL DE  
LEONARDO DA VINCI:  
psicanálise, constituição subjetiva e biografia**

*Douglas Emiliano Batista\**

**RESUMO:**

O estudo de Freud sobre Leonardo da Vinci completou há pouco tempo cem anos. “Destinado” desde o berço à polêmica, o referido texto segue dando asas a debates espicaçantes. Por óbvio, tal estudo possui para os psicanalistas um interesse teórico endógeno (assim como possuía para Freud, ademais, valor transferencial). À parte de tais facetas, neste artigo retomaremos o fio do debate entre Freud e Schapiro e, na sequência, indagaremos pelas virtudes biográficas do texto de Freud. Com a ajuda não apenas de autores psicanalistas, procuraremos aportar argumentos que mostram que a psicanálise contribuiu para a compreensão biográfica de Leonardo da Vinci por dispor de um modo singular de conceber a constituição subjetiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise e cultura. Freud. Leonardo da Vinci.

---

\* Doutorando pela FEUSP – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Membro do LEPSI – IP-FE-USP (Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre a Infância). Email: [demilian@uol.com.br](mailto:demilian@uol.com.br) Telefone: (11) 2894-0235 / (11) 9125-3260.

## Introdução

A infância de Leonardo da Vinci não cessa de se inscrever como um enigma para seus biógrafos, para os intelectuais e para os literatos que se debruçam não apenas sobre o fecundo e largo espectro de sua obra – tanto artística quanto científica – mas que se detêm também sobre as motivações “inapreensíveis” que parecem ter guiado o renascentista ao longo de sua vida igualmente enigmática.

Sabe-se da influência que Leonardo exerceu sobre Freud. Ao cabo de seu estudo sobre Leonardo (1910, p. 138-39), Freud afirmou ter “sucumbido” à transferência ao artista florentino. Embora não deixemos de reconhecer as ressonâncias transferenciais que a figura de Leonardo provocou em Freud (e, por conseqüência, certas projeções imaginárias por parte deste sobre aquele), nem por isso estamos inclinados a supor que o Leonardo desenhado por Freud resultou de um mero “decalque” narcísico. É inequívoco também, para além dessa dimensão transferencial, que o referido estudo possui para os psicanalistas um interesse endógeno, uma vez que seus aportes teóricos gozam até hoje de enorme potestade conceitual. Mas para além de tudo isso, acreditamos que seja razoável afirmar que a psicanálise ofereceu também um quinhão de contribuições para a compreensão (sempre limitada, é verdade) do enigma em que se constituiu a vida e a obra de Leonardo. O estudo de Freud não deixa de resguardar, assim, um interesse biográfico enquanto tal<sup>1</sup>.

É certo que Freud, já em 1898, demonstrara em carta a Fliess um insuspeito interesse voltado para a obra e a vida do renascentista. Em 1909, em carta a Jung, Freud declarara – tal qual “um monarca tomado pela paixão da expansão territorial” (Andersen, 2001, p. 3) – que era chegada a hora de marchar rumo ao território da biografia (lembramos que o reconhecimento internacional da psicanálise começara então a se consolidar). Em que pese, contudo, a influência dessas e outras variáveis que urdiram o pano de fundo da reflexão de Freud (e sobre o qual ressoou ainda a análise do Homem dos Lobos), por hora nos interessa destacar que foi a insuficiência de dados históricos acerca dos primeiros anos de existência do renascentista o que, ao menos alegadamente, motivou Freud a candidatar-se a dizer “algo a mais” acerca do gênio do *quattrocento*. Eis que foi por serem parcos, polêmicos e obscuros os dados disponíveis sobre a infância de Leonardo – quadro que ainda hoje

---

<sup>1</sup> No presente artigo, não será nosso objetivo adentrar diretamente no debate teórico acerca do “teor da verdade do inconsciente”, isto é, se tal verdade diz respeito estritamente ao universo psíquico do sujeito do desejo ou se chega a tocar de alguma maneira a realidade do vivido.

permanece relativamente inalterado – que então a psicanálise se pronunciou a respeito da enigmática origem do polímata do Renascimento.

Vale dizer que não escapou à psicanálise o fato expressivo de o único registro deixado por Leonardo sobre sua infância – e isso em meio às milhares de páginas remanescentes que compõem seus manuscritos – narrar um evento tão “insignificante” quanto ininteligível. Como é notório, tal “recordação” infantil dava conta de que, estando o pequeno Leonardo ao berço, um milhafre (um falcão do Velho Mundo) desceu sobre ele, abriu-lhe então a boca com a cauda, e daí fustigou o interior daquela com esta última<sup>2</sup>. Ademais, foi ainda por conta dessa “lembrança” que o próprio Leonardo compreendeu-se como inelutavelmente destinado a amar e pesquisar o voo das aves. Por certo que não apenas o conteúdo “insignificante” da recordação, como também a sua ininteligibilidade, além da sua alegada “inevitabilidade”, ensejaram a Freud compreendê-la como uma recordação encobridora, isto é, como uma solução de compromisso constituída com vistas a encobrir um conteúdo mnêmico recalcado.

### **1. Abutre ou milhafre?**

É preciso ter em conta que, tal como fizeram alguns literatos especialmente na virada do século XIX para o XX (Andersen, 2001, p. 4), Freud traduziu como “abutre” (*Geier*) o que na recordação infantil era a bem da verdade um “falcão”, um milhafre (*nibio*, nas palavras de Leonardo, e cuja grafia atual é *nibbio*). É digno de registro que Freud, não obstante, citou em seu estudo o texto de Scognamiglio acerca da recordação, e onde, paradoxalmente, a palavra utilizada é *nibio* (vide nota 2). Ademais, ele utilizou na versão prévia de seus estudos apresentada na Conferência de Viena em 1909 o termo *Hühnergeier* para a tradução de *nibio*, sendo que *Hühnergeier* era a palavra utilizada correntemente para designar o milhafre (não obstante a partícula “geier” – abutre – que a compõe).

Dentre os mais destacados autores a que Freud fez referência em seu texto, Marie Herzfeld e Woldemar von Seidlitz também lançaram mão da palavra *Hühnergeier* para traduzir *nibio*, enquanto que na tradução alemã do livro de Edmondo Solmi e também na tradução da novela em que o literato russo Dmitry Merezhkovsky abordou a vida de Leonardo

---

<sup>2</sup> “Questo scriver si distintamente del nibio par che sia mio destino, perchè nella mia prima recordatione della mia infantia e’ mi parea che, essendo io in culla, che un nibio venissi a me e mi aprissi la bocca colla sua coda e molte volte mi percuotesse con tal coda dentro alle labbra” (Scognamiglio apud Freud, 1910, p. 90).

(uma das fontes capitais para o estudo de Freud e também uma das obras confessadamente mais estimadas por este último) utiliza-se simplesmente a palavra *Geier* (Andersen, 2001, p. 4)<sup>3</sup>.

Para além de tudo isso, seria relevante destacar que a relação entre abutres e milhafres tem sido, no âmbito do imaginário social, muito mais “promíscua” do que supõem muitos dos detratores de Freud, os quais o acusam pelo erro de tradução negligenciando o fato de que outros autores compartilharam com ele o uso da palavra *Geier* (abutre). Naturalmente, entendemos que quando Freud optou por tal tradução, ele se fez co-responsável por ela, não importando com respeito *estritamente* a isso quais teriam sido suas motivações inconscientes.

Uma boa maneira, entretanto, de começar mal a análise da aludida tradução é fazer como fez Schapiro (1956). Para o autor, abutre é abutre e milhafre é milhafre. Logo, “o milhafre é também uma ave de rapina, mas [que] não se alimenta de carniça e tem a aparência bastante diferente da de um abutre” (p. 151). De saída, é preciso dizer que o milhafre se alimenta, sim, de despojos putrefatos, embora também de pequenos roedores, pequenos mamíferos, outras aves, etc. Não será exagerado, com efeito, supor que o lapso de Schapiro diante dessa simples evidência se deveu a sua pretensão de escavar um fosso demasiadamente profundo entre essas aves com vistas a subtrair qualquer possibilidade de que Freud, tendo uma vez mirado no abutre, pudesse ter acertado no milhafre (como de fato Freud o fez. Veremos isso mais à frente).

Entretanto, outros autores flagraram a associação por demais comum desses pássaros no imaginário social em contextos culturais bastante diversificados. Vejamos o que disse a esse respeito, no século XIX, Paul Lafargue (2006, p. 2):

A águia, que se parece com o abutre, é o símbolo de Isis, mãe [a bem da verdade, a ave que simboliza a deusa-mãe Isis é o *milhafre*, o que é um detalhe relevante, como se verá à frente]. Pode-se confundir as espécies de um país ao outro; espécies intermediárias, tais como falcões, abutres, águias, são parecidas. A águia, assim como o abutre e outros pássaros de garras, possuem, dizem, certas particularidades, as fêmeas são mais robustas e mais audaciosas que os machos.

---

<sup>3</sup> Andersen (2001, p. 19) afirma que mesmo o *korshun* (milhafre, em russo) designava no texto original de Merezhkovsky “abutre”, de modo que a tradução alemã e a inglesa (ambas do início do XX, as quais se valeram respectivamente das palavras *Geier* e *vulture*) não estavam em absoluto erradas. No contexto da obra de Merezhkovsky, a preferência pela utilização de “abutre” se deveu ao traço sibilino do mesmo: afinal, se o falcão é tido como uma espécie de ave capaz de ver agudamente, o abutre era tomado como capaz de ver o futuro, de prever o destino.

Para o caso de o leitor julgar que as similaridades acima apontadas são muito “vagas” e “abstratas” e que, assim, não seriam capazes de realmente ajudar a esclarecer o equívoco de tradução que está posto em tela, sugerimos a leitura do que asseverou Pictet (1859, p. 462-63), também no século XIX, acerca da etimologia das palavras “milhafre” e “abutre”: “Os nomes do milhafre [*milan*] se confundem frequentemente com aqueles do abutre, com o qual ele se assemelha por seus hábitos”.

Ainda no século XIX, o erudito tradutor da *Ilíada* de Homero (2008), Odorico Mendes (2008), verteu a seguinte passagem da referida obra: “Em cima Automedon, que a dor comprime // Rui qual de chofre abutre sobre gansos” (p. 629). Pois bem, na nota atinente a esse mesmo verso lê-se: “*abutre*: Falcão” (p. 628; grifo no original).

De mais a mais, uma consulta ao “Illustrated Bible Dictionary” (Easton, 2005) – outra obra produzida no XIX – nos revela mais uma pérola. No verbete “abutre” (p. 685-86), fica-se sabendo que, quanto aos “animais limpos e animais imundos”, as diferentes traduções bíblicas instauraram uma verdadeira “babel” ornitológica. É assim que em Levítico 11:14 uma das palavras hebraicas empregadas é *da’ah* (abutre), enquanto que em uma passagem paralela a essa, Deuteronômio 14:13, emprega-se a palavra *ra’ah*, traduzida como ‘glede’, ‘gups’, ‘milvus’ (isto é, milhafre). Já o verbete “milhafre” (Easton, 2005, p. 411) diz especificamente que: “A palavra hebraica empregada, ‘ayet’, é traduzida como ‘abutre’ em Jó 28:7 na Versão Autorizada, e ‘falcão’ na Versão Revisada. Trata-se provavelmente do milhafre-real (*Milvus regalis*) [...]”.

A confusão bíblica entre o abutre-do-egito (*Neophron percnopterus*) e o falcão-gerifalte (*Falco rusticolus*) repousa sobre fundamentalmente o mesmo problema (sendo que a palavra “gerifalte” remete a *Geier* e *Falke*, e traduz *Gyrfalcon* ou *Gierfalcon*). Nesse caso, o sufixo *gyr*, *gier* – que faz referência às proporções grandiosas desse falcão, mas que também está associado às raízes de *Geier* (abutre) – ensejou aí toda sorte de mal-entendidos. De acordo com Andersen (2001, p. 15-16), a explicação para isso se deve a que *Gier* era um adjetivo relacionado às aves de rapina em geral. Tratava-se, desse modo, de “uma palavra descritiva que acabou se transformando em um substantivo” (p. 20). Por essa razão é que mesmo “nos dicionários modernos de alemão o primeiro significado de ‘Geier’ é ‘abutre’; mas o substantivo pode também designar ‘falcão’” (p. 16). Eis então que o termo *Geier*

reclama sua associação com *nibio* [lembramos que *hühnergeier* era a palavra que traduzia *nibio*] no interior de um vasto vocabulário trans-

européu que tem por base ‘grups’ [em grego] e ‘gryps’ [em latim]. Qualquer europeu do século XIX tardio, com conhecimento de Latim, poderia ter traduzido o nibio de Leonardo como milhafre, falcão, abutre, grifo ou abutre-fouveiro (Andersen, 2001, p. 49).

Não pense o leitor, contudo, que ao aportarmos os argumentos acima teríamos em vista o objetivo de tentar “justificar” a tradução de Freud e de outros autores apostando nossas fichas na “confusão”. Trata-se, antes, de tentar historicizar a referida tradução, e isso de modo a tornar possível entender por que no final do século XIX e início do XX ela pôde ser tomada como correta. Nesse sentido, esperamos que os apontamentos realizados acima possam ter colaborado para fazer com que o leitor concorde que a tradução que levou não poucos literatos a tomarem o abutre pelo falcão possui um estofamento tal que não o permite reduzir ao nível da mera inépcia ou ao da mais estrita tolice. Já uma demonstração efetiva da ancestralidade lingüística em comum dessas aves pode ser apreciada em Andersen (2001, p. 14-22), desde que se deem por descontadas certas incongruências por parte do autor.

Considerando então que o milhafre e o abutre são com frequência tomados como “primos-irmãos” no imaginário-social<sup>4</sup>, ou seja, considerando que os significantes têm produzido aí tal similitude (e o que ensejou a Freud atirar no que viu e acertar no que não viu), podemos agora nos deter propriamente na recordação. Ainda que mantenhamos em vista que a tradução de “nibio” (isto é, milhafre) por “abutre” não poderia ser sem consequências, nem por isso agiremos como os afoitos que pretenderam desqualificar ainda no ninho a totalidade do estudo freudiano.

Deixaremos, entretanto, em aberto aqui uma hipótese: tal como diz Strachey (Nota do Editor Inglês *in* Freud, 1910/1996, p.72), a influência que exerceu Merezhkovsky sobre a concepção de Freud acerca da recordação é incomparável a qualquer outra. E quando o russo se referiu ao “abutre” da recordação (Andersen, 2001), ele disse apenas que tal ave roçou suas asas nos lábios de Leonardo, e não que introduziu através deles a cauda. Em que pese que Freud nunca tenha omitido a cauda da ave (aspecto capital de sua interpretação, como veremos), ele cometeu outro lapso – corrigido na edição de 1919 – ao deixar de dizer

---

<sup>4</sup>. Tal “promiscuidade” alcança também a mitologia egípcia, afinal a forma de ave adotada por Isis a fim de pairar sobre a múmia de Osiris (o pai por assim se dizer “ausente”) e engendrar Hórus (o deus-falcão) foi a de um milhafre (lembramos ainda que a deusa, para tanto, teve de forjar um “falo” já que a múmia de Osiris se encontrava dele desprovido). A deusa, entretanto, era às vezes representada portando um toucado de abutre, o que se deveu a ser ela uma mãe divina (herdeira das prerrogativas de Mut, a deusa-abutre, a deusa-mãe por excelência na mitologia egípcia). Andersen (2001) chega a esboçar uma reconstrução – a partir do mito de Ísis, e não a partir do de Mut como fez Freud – do núcleo do fantasma leonardesco tal como foi essencialmente suposto por Freud.

que a ave introduziu a cauda através dos lábios de Leonardo, tendo Freud a princípio dito apenas que o pássaro fustigou os lábios daquele. Pois bem, não seria talvez isso um indicativo de que a “influência” transferencial de Merezhkovsky sobre Freud foi decisiva para que este optasse pela utilização de *Geier* em lugar de *Hühnergeier*, o que fez então com que o falcão desaparecesse de seu horizonte interpretativo? Bormans (2005) discute preliminarmente se essa “escotomização” se define em termos de lapso, recusa, forclusão ou sublimação. Não obstante tais possibilidades de análise propostas por Bormans sobre a referida “escotomização” da parte de Freud, o fato é que em meados dos anos 20 o erro do psicanalista vienense foi apontado formalmente por Eric Maclagan. E para todos os efeitos, há, pois, que se admitir que “milhafre” traduz *nibio* mais convenientemente do que “abutre”. Para além disso, talvez fosse razoável reconhecer ainda que a resistência de Freud em admitir tal apontamento foi, sem dúvida, proporcional à má-fé de alguns intelectuais que estavam então dispostos a sacrificar – no altar do ódio à psicanálise – a acuidade de suas análises acerca da tradução de Freud e da efetiva dimensão que ela possuiu em sua psicobiografia sobre Leonardo.

## **2. A interpretação de Freud**

Freud compreendeu a “lembrança” de Leonardo sob o signo da felação, a qual por sua vez foi compreendida como tributária do gesto inocente pelo qual uma criança de peito é amamentada. O estranhamento inicial causado por tal enunciação talvez se reduza se lembrarmos que, não só na língua portuguesa, há um sem-número de nomes de aves utilizados para designar os genitais (masculino e feminino, embora muito em particular o pênis<sup>5</sup>); e que, além disso, em latim *fellare* significa tanto chupar quanto mamar, bem como, em português, é com a mesma palavra que se designa o *bico* de borracha em forma de mamilo e também a felação propriamente dita. Em que pese, desse modo, a tradução de Freud, pode-se entretanto admitir, inicialmente, que o núcleo de sua interpretação – tanto no tocante à fantasia de Leonardo com respeito à amamentação (tornada aí passiva) quanto no que concerne à elaboração da premissa universal fálica – ficou intocado.

É bastante conhecida a crítica que Schapiro (1956) endereçou a essa interpretação de Freud. Com o objetivo de desabonar o texto freudiano, Schapiro procurou

---

<sup>5</sup> Eis que tal compreensão é compartilhada também por autores que não são psicanalistas: “Desde as origens do idioma italiano, pássaros em geral têm sido usados para simbolizar o órgão sexual masculino. Por conseqüência, deve possivelmente haver um componente erótico no sonho/lembrança” (Beck, 1993, p. 188).

demonstrar que a visita do milhafre não possuía nenhum conteúdo mnêmico, posto que não passava de um “padrão literário estabelecido” (p. 153). Schapiro então nos lembra o que Cícero escreveu sobre Midas: ainda criança, este foi visitado enquanto dormia por formigas que encheram sua boca com trigo, o que era um presságio de que ele seria um homem abastado. Cícero também relata que, quando Platão era uma criança de berço, abelhas pousaram em sua boca, o que era um presságio da doçura que caracterizaria sua eloquência. E já segundo o que foi relatado por Plínio, um rouxinol pousou na boca de Estesícoro quando este era uma criança e se encontrava adormecido: isso prenunciava o seu destino de poeta lírico.

A nosso ver, o modo com que Schapiro compreendeu o *topos* dos presságios infantis permite, pois, esclarecer o núcleo mesmo de sua equivocada crítica a Freud. Para Schapiro, quando a psicanálise se detém em torno de cânones estéticos, ela daria supostamente pouca atenção à “história e à situação social ao lidar com os indivíduos e mesmo com a origem dos costumes, das crenças e das instituições” (Schapiro, 1956, p. 177). Tudo se passaria, então, como se na teoria psicanalítica o sujeito agisse, por assim se dizer, tal como age a aranha, a qual retira de dentro de si todo o fio de sua teia. Tudo se passa, assim, como se Freud tivesse atribuído a Leonardo uma espécie de “originalidade absoluta”. Ora bem, o ponto de vista de Schapiro a esse respeito é insustentável.

Freud (1910), já mesmo em seu estudo sobre Leonardo, foi claro o bastante acerca do modo como o sujeito é concebido pela psicanálise: “Não abandonaremos, no entanto, o campo da pesquisa puramente psicológica. Nosso objetivo continua a ser demonstrar a relação que existe, seguindo o caminho da atividade instintiva [pulsional], entre as experiências externas de um indivíduo e suas reações” (p. 140).

Contrariamente ao que asseverou Schapiro, a psicanálise concebe o sujeito como “histórico, desnaturado e tributário dos modos de socialização aos quais foi submetido” (Koltai, 2000, p. 49). Entretanto, embora a realidade psíquica inclua, por assim se dizer, o “social”, nem por isso a subjetividade, segundo a psicanálise, se constitui apenas por meio da “transmissão dos elementos da cultura e história que guiam a apreensão e inteligibilidade do mundo pelo Sujeito, mas principalmente pela constituição do recalco originário, em torno do qual este, num primeiro momento, estrutura sua relação de desejo ao outro e à imagem que faz de si mesmo” (p. 50). Ademais, ao se admitir que as memórias infantis são falseadas quando se as invocam após a infância (e de tal forma que elas são inconscientemente postas a serviço de interesses do tempo presente), ou ainda, ao se admitir que as recordações encobridoras estão para o elemento mnêmico real tal como o conteúdo manifesto do sonho

está para o latente, então o caráter literário ou “tradicional” dos presságios infantis (devidamente apontado por Schapiro) não se achará em contradição com a elaboração *a posteriori* do tesouro mnêmico por parte de um sujeito singular. De fato, o que está em pauta aí é antes o modo como o aparelho psíquico no tempo presente se apropria do passado, apropriação essa que é sobredeterminada pelo recalque, pelo inconsciente.

Seguramente, o “Questo scriver...” que abre a recordação (vide nota 2) pontuou o momento em que o renascentista, tendo ultrapassado cinquenta anos (por volta de 1505), uma vez mais pesquisava afincadamente o voo das aves. Isto é, o “Questo scriver” pontuava o momento em que o canhoto Leonardo se concebia cumprindo o destino evocado pela sua “lembrança”<sup>6</sup>. Provavelmente, Leonardo acabara de registrar uma série de anotações, de ilustrações, e de diagramas sobre o voo – todos decorrentes de suas incansáveis pesquisas científicas – quando então, e tendo talvez se detido aí por um átimo, escreveu no verso de uma das páginas que constituiriam o “Codex Atlanticus” a tão controversa “recordação”.

A certa altura dessas anotações (nas quais se incluiu a “lembrança” infantil), Leonardo – que havia tomado por objeto de estudo um sem-número de aves, mas dentre elas sobretudo o milhafre – aludiu à semelhança que há entre o movimento da cauda desse pássaro e o movimento do leme de um navio (alusão que, provavelmente, está relacionado com o fustigo fantasístico da cauda da ave no interior da boca da criança). Muitos autores, como Schapiro e também Beck (1993, p. 187), viram em tal alusão os efeitos da influência da obra de Plínio sobre o renascentista, e isso em virtude de que o romano fez a seguinte afirmação sobre o milhafre: “parece que este pássaro, pela manipulação de sua cauda, ensinou a arte de pilotar navios [...]” (apud Beck, 1983, p. 187). Contudo, se se pode dizer que há uma diferença capital entre a apreciação de Beck e a de Schapiro acerca dessa provável influência de Plínio sobre Leonardo, é que para Beck o lastro que a recordação infantil mergulha nessa tradição milenar não exclui o valor fantasístico ou onírico que ela comportava para o renascentista, enquanto que para Schapiro (1956, p. 151-52) a cauda do milhafre (e senão a ave em si) resguardaria tão-somente um sentido científico para Leonardo (isto é: Schapiro coagulou o significante “cauda” em torno do significado “leme”). Beck, com vistas a comprovar sua convicção acerca do teor que a “ricordazione” possuía no interior das pesquisas de Leonardo (e onde o milhafre e a respectiva cauda excediam o interesse científico sem de forma alguma

---

<sup>6</sup> Lembrança que não deixa assim de guardar certa similitude com o “sopro” do anjo torto, dos que vivem na sombra, e que disse a Drummond: “Vai, Carlos! ser *gauche* na vida” (Andrade, 1962, p. 13).

o excluir), cita uma esclarecedora passagem do próprio Da Vinci acerca da “memória humana” (Beck, 1993, p. 186):

Nosso julgamento não julga coisas produzidas em diferentes intervalos do tempo de acordo com sua devida e apropriada distância, porque muitas coisas do passado remoto parecem próximas e avizinhas do presente, e muitas coisas próximas a nós parecem velhas, do tempo de nossa juventude. E assim o olho [analogamente] faz com que coisas que estão distantes quando iluminadas pelo sol apareçam próximas ao olho, e com que muitas coisas que estão próximas apareçam distantes.

Essa sentença genial arvora, a nosso ver, considerável semelhança com a seguinte passagem de Guimarães Rosa (1986, p. 159):

Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não.

Também Marmor (2005), por sua vez, argumenta que embora o caráter literário da “lembrança” seja inequívoco, isso não exclui a sua faceta “autobiográfica”. Embora o “parece que” da recordação (“par che sia mio destino” e ainda “mi parea che”) sugira a olhos modernos hesitação, ele na verdade alude a uma convenção poética que era familiar para Leonardo a partir da leitura da “Divina Comédia” de Dante. Por meio dessa convenção literária, diz Marmor, o artista deu crédito à remanescência ao longo de sua vida adulta do interesse em torno do voo e seu controle. Marmor conclui ao fim de seu estudo (e de modo bem distinto ao que afirmou Schapiro) que a recordação provavelmente carrega sob a forma de significados latentes mais “conteúdos” do que o olho é a princípio capaz de notar. Ou seja: Marmor diz que o fato da “lembrança” obedecer a um *topos* literário em nada contradiz a hipótese de que ela carreie consigo conteúdos latentes, subjetivos, desiderativos.

Voltando uma vez mais à argumentação de Schapiro, pode-se afinal asseverar que, nela, a aporia central reside em que – e tal como Kurt Eissler já observou (Andersen, 2001, p. 78) – o sujeito é reduzido a um mero espelho dos costumes e das tradições. Poderíamos dizer que, a seu modo, e tal como é hegemônico em nossa época, Schapiro forcluiu o sujeito, a subjetividade. Ou tal como disse Andersen, a tese de Schapiro apresenta

um problema que pode ser crônico em certas investigações históricas, e onde se supõe que nada pode existir sob o sol a menos que traga atrás de si um precedente, precedente esse no qual o sentido do novo já estaria dado, consumado. Ora, é indubitável que o legado do pretérito, da tradição, acumula em proveito dos homens do tempo presente a experiência adquirida por aqueles que não mais se contam entre esses homens no mundo. Entretanto, a herança cultural do passado é incapaz de, por si só, substituir-se à contração pelo sujeito de sua dívida simbólica em face dos antepassados. Ou em outras palavras: também Leonardo teve afinal de adquirir aquilo que herdou, e isso muito embora o renascentista contasse – segundo o próprio Freud (1910, p. 128-29) – com uma liberdade de espírito em face da tradição somente comparável àquela que os modernos viriam posteriormente a partilhar.

Vale dizer que Schapiro subestimou outro aspecto não menos relevante da questão, e o qual diz respeito à própria biografia de Freud. É que Schapiro esqueceu-se que também Freud foi objeto de presságios infantis. Como é sabido, o pequeno Sigmund nasceu envolto em membrana amniótica, fato que foi tomado pela sua mãe – tal como ocorre em muitas culturas – como um augúrio da fama de que gozaria o seu “Sigi de ouro”. Tal evento, por certo, não foi em absoluto inócua para o psicanalista, e enseja dizer que Freud, afinal, não poderia ignorar a existência de “presságios infantis”.

Mas não conclua ainda o leitor que os comentadores de Leonardo tenham dado por resolvido o estatuto mesmo da recordação (não obstante o seu lastro em tradições pretéritas e contemporâneas ao artista). Conforme indica Marmor (2005), Marinoni supôs que a recordação era derivada de um sonho infantil (tese que em nada conflita, por sinal, com a de Freud). Já Pedretti, embora tenha em vista que um evento de tal natureza é altamente improvável - não descarta a possibilidade de que algo desse gênero tenha se consumado nas condições peculiaridades de um quente verão toscano. E, por fim, como disse Andersen (2001, p. 221), é notório que, logo após a amamentação, a boca de um bebê – ou a de uma criança após a ingestão de guloseimas, frutas, etc. – transforma-se numa fonte de olores que eventualmente pode atrair pequenos insetos (e por que não pequenas aves?<sup>7</sup>), sobretudo se a referida criança pega no sono após o banquete. Ou em uma palavra: embora não pareça “provável” que a recordação infantil tenha derivado de uma realidade propriamente vivida, tal hipótese não chegará nunca a poder ser totalmente descartada. Contudo, bem mais convincente do que isso será admitir a evidência de que se trata efetivamente de um *topos*

---

<sup>7</sup> O que, a bem da verdade, não é o caso do milhafre, que possui um porte mediano.

literário, mas sobretudo de um *topos* que Leonardo “adquiriu” de forma subjetivamente irrepetível, fato que lança aí algo da ordem de seu desejo inconsciente, de sua subjetividade.

### 3. A mãe e a infância de Leonardo

No que toca à mãe de Leonardo – e, assim, à primeira infância do artista – Schapiro sugeriu que Freud estava errado ao supor que mãe e filho mantiveram aí um contato íntimo ou deveras estreito entre si. Como se sabe, Leonardo era filho ilegítimo de Ser Piero da Vinci e de uma humilde camponesa, Caterina. De acordo com a interpretação de Freud, é provável que o renascentista tenha ficado privado da companhia do pai durante a primeira infância (uma vez que Ser Piero – um tabelião em franca florescência profissional – viria a contrair em meio à burguesia florentina o seu primeiro matrimônio em 1452, ano mesmo do nascimento de Leonardo). Alguns poucos registros históricos sugerem tal “privação”, como é o caso do documento que atesta que aos cinco anos Leonardo habitava a casa de seus avós paternos (registro esse que, por outro lado, não permite concluir desde quando ele ali habitou), além, é claro, daquilo que a própria recordação infantil parece “sugerir”. Expliquemo-nos melhor quanto a isto: segundo Freud, o que o primeiro estrato da recordação “ininteligível” encobre é a magnitude da mãe nas formações fantasmáticas do renascentista (magnitude que, ao nível do conteúdo manifesto, talvez encontre apoio no fato do porte dos milhafres fêmeas exceder o dos machos, não obstante a ausência de dimorfismo sexual nessa ave). Dessa maneira, o que está posto em causa nesse estrato inicial é o comércio entre mãe e filho, e o qual, ante a ausência ou o distanciamento do pai, exacerbou-se a ponto da mãe supercompensar essa dupla falta (a de seu “marido”, para ela; e a do pai, para seu filho) devotando um amor “incondicional” ao pequeno<sup>8</sup>. E bem sabemos que o comércio entre a mãe e sua criança de peito constitui “uma relação amorosa plenamente satisfatória” (Freud, 1910, p. 123) e a qual “satura” desejos inconscientes cuja insatisfação estrutural representa a condição incontornável para a subjetivação mesma do *infans*.

---

<sup>8</sup> Não é preciso insistir no fato de que a carência realista do pai não se confunde “direta e mecanicamente” com a carência da função paterna no interior do complexo de Édipo. Por outro lado, insinua-se aqui como, em princípio, poder-se-ia tentar reconstruir a fantasia de Leonardo a partir do mito egípcio de Ísis (a deusa-mãe associada ao milhafre, e a qual concebeu Hórus, o deus-falcão, na “ausência” do pai deste último, Osíris), e não como o fez Freud, a partir do mito de Mut (a deusa-mãe primordial da mitologia egípcia, à qual era associada o abutre). Vide nota 4.

Para Schapiro (1956, p. 156), a descoberta de outro documento (quase três décadas após a edição *princeps* do texto de Freud) atribuído ao avô paterno de Leonardo, o também tabelião Antônio, e no qual este último declarou o nome do padre que batizou Leonardo e os nomes dos padrinhos deste último (os quais eram avizinados da família), permitiria supor que o artista foi criado junto à família paterna (na casa dos avós), e não junto à mãe, como acreditava Freud. Bem, se isso não deixa de constituir uma hipótese aceitável, talvez não chegue a poder ser tomado simplesmente como um fato. Como já dissemos, a infância de Leonardo segue ainda sendo tão enigmática quanto a sua personalidade. No entanto, outros biógrafos (que escreveram tendo já em mente a existência do dito documento que era desconhecido à época de Freud) nem por isso deixaram de considerar que mãe e filho estiveram a princípio em contato particularmente estreito. White (2002, p. 30.), por exemplo, afirma que “o recém-nascido foi entregue [pelos avós paternos] à Caterina para que ela o criasse”, de maneira que a camponesa serviu como que “ama-de-leite” do próprio filho por um ano ou um ano e meio (costume esse que, aliás, seria socialmente aceito à época, desde que houvesse diferença de extração social entre o homem e a mulher). Já Andersen (2001, p. 43) pondera que, uma vez que inexistem registros que permitam afirmar por quanto tempo Leonardo ficou distante do pai, então inexistem meios que possibilitem dizer com precisão por quanto tempo Leonardo foi amamentado (à época as crianças mamavam até dois ou três anos de idade, diz ele). De toda forma, o autor não parece duvidar que Leonardo ficou mesmo ao lado de sua mãe em seus primeiros anos.

Tanto Andersen quanto White, entretanto, insistirão em afirmar que os avós paternos, Antonio e Lucia (além do tio Francesco), amaram muito Leonardo, e que não o ignoraram, e nem o abandonaram isolado com Caterina (hipótese que, a bem da verdade, é bastante verossímil, embora seja importante mencionar que a tese de Freud não depende do isolamento nesses termos, mas sim do apetite imaginário da mãe em face de sua criança, isto é, da anexação narcísica da criança enquanto falo imaginário da mãe). Não é difícil, por outro lado, constatar ainda que ambos os autores, no que toca ao modo como concebem o psiquismo infantil, estão tomados pela psicologizada lógica da “frustração” (e segundo a qual seria a frustração infantil que engendraria patologias psíquicas). Por decorrência disso, o objetivo de ambos os autores acaba sendo o de provar que a infância de Leonardo foi feliz e prazerosa (Andersen, 2001, p. 44) ou “passada em um ambiente idílico, mas toldado por sombras” (White, 2002, p. 40), o que equivale a dizer que, de um modo ou de outro, a família de Leonardo acabou se constituindo afinal como uma “família estruturada” (tal como se diz

hoje em dia). E se a sua família era “estruturada” (terminologia que consideramos equivocadamente “psicologizante”), Leonardo não poderia ter sido uma criança marcada então por frustrações, o que supostamente faria cair por terra a psicobiografia de Freud, dado que sem frustrações narcísicas não haveria – supõem erroneamente os autores – complexos infantis. Ora bem, tamanha psicologização da infância, a bem da verdade, deixa muito a desejar do ponto de vista conceitual, ficando irremediavelmente aquém das conjecturas de Freud. É que para além das frustrações da criança, dos danos imaginários (em sentido psicanalítico) que a acometem ou não, o que está em causa para a psicanálise é a produção de inscrições inconscientes no aparelho psíquico, e as quais se (de)cifram pela maneira irrepitível com que uma criança consegue ou não se haver com as vicissitudes que marcaram a sua socialização, uma vez que todo pequeno têm de realizar sacrifícios pulsionais a fim de ingressar – ou, em um primeiro momento, a fim de ser “introduzido” pelos seus pais – no mundo pré-existente à própria criança.

#### **4. Duas fábulas de Leonardo sobre a maternidade**

Não obstante tenha sido Freud quem viu por trás do “abutre” da recordação infantil a figura fantasmática da “mãe” (até então nunca suposta aí), Schapiro (1956, p. 157) insistiria em dizer que, ainda que o milhafre tenha despontado em fábulas de autoria de Leonardo sob uma figuração maternal (como veremos à frente), tal ave não encarnava o “modelo da boa mãe” suposto por Freud, de modo que a teoria de Freud permaneceria ainda assim fundamentalmente errada, diz o autor.

É curioso que já White diga o oposto (do que disse Schapiro) acerca da mãe de Leonardo (isto é, o oposto em relação ao modo como ela como foi “desenhada” por Freud). É que segundo White (2002, p. 36), Freud supostamente acreditou “[...] que Leonardo guardava um ressentimento profundamente arraigado para com a mãe, por ‘tê-lo deixado ir’ quando bebê [...]”, ou mesmo que o “[...] trauma infligido pela mãe levou Leonardo a diversificar a sua busca intelectual ou a tratar dos assuntos de maneira por demais superficial” (p. 36.). O autor conclui – equivocadamente, a nosso ver – que o objeto da pesquisa do psicanalista foi “A influência da infância infeliz de Leonardo sobre sua vida posterior” (White, 2002, p. 35). Nada poderia ser mais enganoso do que isso.

Ora, como tais autores podem ter chegado a conclusões tão díspares acerca da “Caterina” (mãe de Leonardo) tal como foi concebida por Freud? Talvez porque ambos, afinal, subestimaram um conceito psicanalítico basilar, a saber, a ambivalência. Vejamos como Freud (1910, p. 123) se pronunciou sobre a mãe de Leonardo: “Porque a ternura de sua mãe lhe foi fatal [...]. A violência das carícias evidentes em sua fantasia [na fantasia de Leonardo] sobre o abutre eram muito naturais. No seu amor pelo seu filho, a pobre mãe abandonada procurava dar expansão à lembrança de todas as carícias recebidas e à sua ânsia por outras mais”.

Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905, p. 212) há uma outra interessante passagem de Freud – embora mais abstrata – e que versa fundamentalmente acerca da mesma questão:

[Quando a pulsão sexual se “desenvolve” prematuramente], a criança porta-se como o adulto, na medida em que transforma sua libido em angústia quando não pode satisfazê-la; e, inversamente, o adulto neurotizado pela libido insatisfeita comporta-se como uma criança em sua angústia: começa a sentir medo tão logo fica sozinho, ou seja, sem uma pessoa de cujo amor se acredite seguro, e a querer aplacar esse medo através das medidas mais pueris.

Na fábula de Leonardo intitulada “Inveja”, o florentino escreveu acerca do milhafre que quando tal ave nota em seu ninho que os filhotes estão fornidos, ela os espicaça por causa da inveja, e os deixa sem comida<sup>9</sup>. Ora bem, o fato de o milhafre despontar numa fábula de Leonardo sob uma figuração “parental” (ou até mesmo maternal) já deveria ter rendido a Freud algum reconhecimento pelo mérito de suas análises. Contudo, ao que parece nem todos os literatos estavam dispostos a reconhecer isso. De toda forma, vejamos mais esta passagem em que Freud (1910, p. 120) se debruçou sobre a “inveja” da qual foi talvez acometida Caterina (e sejamos razoáveis: se algum laço psíquico se constituiu entre ela e o seu primogênito, só muito laboriosamente é que se poderia imaginar que Caterina estivesse em condições de furtar-se a esse sentimento ou a algo equivalente a ele): “O artista parece ter usado o sorriso bem-aventurado da Sant’anna [no quadro “A virgem, o Menino e Santa Ana”] para negar e encobrir a inveja que sentiu a pobre mulher quando foi obrigada a entregar o

---

<sup>9</sup> “Do milhafre lê-se que quando ele vê as suas crias no ninho estarem demasiado gordas, por inveja lhes dá bicadas nas costas e as mantém sem comer” (da Vinci, 2004, p. 15).

filho à sua rival nascida em berço mais nobre [D. Albiera, a primeira esposa de Ser Piero], assim como lhe havia entregado o pai” (Freud, 1910, p. 120).

Supomos que se arrojaria mais um pouco de luz sobre isso em se invocando uma tese de Freud sobre uma teoria sexual infantil bastante arcaica na vida anímica. Por meio dessa teoria os pequenos compõem “uma longa lista de acusações e queixas contra a mãe, as quais, supõe-se, justificam os sentimentos hostis da criança” (Freud, 1932, p. 122). Tais sentimentos hostis aludem, é claro, à ambivalência psíquica (que não foi suficientemente compreendida por Schapiro nem por White): “A censura contra a mãe, que remonta à época mais remota, é a de que esta deu à criança muito pouco leite – censura que lhe é feita como falta de amor. [...] Mais parece que a avidez da criança pelo primeiro alimento é completamente insaciável, que a criança nunca supera o sofrimento de perder o seio materno” (Freud, 1932, p. 122). Talvez, o contexto no qual supomos o desenrolar da infância de Leonardo – e em que ele se viu obrigado a deixar o seio materno para ser reconduzido à família paterna – tenha colaborado para que uma teoria infantil desse teor ganhasse relevo em seu psiquismo.

Schapiro (1956, p. 156), entretanto, argumenta hipoteticamente – e alternativamente à tese de Freud – que algum familiar de Caterina bem poderia ter feito as vezes de “pai” de Leonardo (antes deste ter sido reconduzido à casa paterna, por óbvio); ademais, Caterina poderia ter sido hostil à ilegitimidade da criança; ou mesmo – continua Schapiro –, ela poderia ter “compensado” a falta de seu pequeno mediante o nascimento de outros filhos (os quais, de fato, ela teve posteriormente com seu efetivo marido, chamado “Acatabriga”). Novamente, temos de reconhecer que isso tudo é mesmo plausível: quem o saberá? Talvez não se possa inferir a partir de possíveis elementos fantasmáticos de Leonardo qualquer verdade acerca de determinados acontecimentos que ditaram os desdobramentos de sua infância. Em que pese, no entanto, essa dificuldade praticamente incontornável, não deveríamos talvez perder de vista uma outra expressiva fábula de Leonardo que possui como tema o amor materno excessivo. O próprio Schapiro (1956, p. 157) chamou atenção para ela. O seu título é “A macaca e o passarinho” (da Vinci, 2004, p. 46):

Encontrando a macaca um ninho passarinhos, toda contente procura aproximar-se, mas sendo eles já capazes de voar, só conseguiu apanhar o menor. Cheia de alegria, com ele na mão foi para a sua toca; e pondo-se a olhar para o passarinho, começou a beijá-lo; e levada pelo profundo amor, tanto o beijou e revirou e apertou que lhe

tirou a vida. Aplica-se àqueles que, por não castigarem os filhos, lhes fazem mal.

A origem dessa fábula remete a Esopo. E o mais notável é que na fábula 307 de Esopo (2007, p. 151) não há referência aos passarinhos, o que implica que também aí Leonardo adquiriu o que herdou. A versão original conta que uma macaca, tendo gerado dois filhotes, ama o primeiro e menospreza o segundo. Todavia a macaca, por abraçar com violenta paixão o filhote favorito, o sufoca, enquanto que o outro cresce e se torna um adulto. “O significado da fábula”, diz Beck (1993, p. 196), “é que o destino é mais forte do que todo o nosso cuidado; amor excessivo ou incontrolado irá destruir o objeto de afeição”. Como se vê, Leonardo substituiu nessa fábula os *filhotes* da macaca pelos *passarinhos*, sendo que apenas o menor destes – o menos capacitado para voar, para seguir por si seu destino – foi apanhado. Solitário e passivo, na toca para onde foi conduzido ele é objeto do desmesurado amor da macaca, a qual o beija arrebatadamente até roubar-lhe o destino. Ou melhor, até preparar-lhe um, já que o significado da fábula é que a ausência de castigos, derivada do amor excessivo, é fatídica ao filho favorito, enquanto que os outros supostamente seguem seu destino. Beck, em face dessa fábula, conclui que não se pode rejeitar uma interpretação de teor psíquico, isto é, não se pode ignorar seus conteúdos latentes. Pensamos, com efeito, que tais conteúdos condizem com a interpretação de Freud de que a ambivalente ternura da mãe do renascentista foi decisiva para este. Isto é, o apetite imaginário de Caterina lhe deve ter sido fatídico, ou assim pareceu ao florentino, já que tal amor – manifestado pela tão pungente oralidade<sup>10</sup> – lhe teria feito mal, isto é, lhe teria imposto um destino. Dando então ouvidos a esses conteúdos latentes, pode-se admitir que o encobrimento da mãe na recordação infantil manifestou que Leonardo nada queria saber acerca de que nosso destino é por princípio – e não apenas acidentalmente – preparado por nossas mães, isto é, que de início nosso destino é inconscientemente cifrado por nossas primeiras educadoras.

## 5. Leonardo e algumas figurações do pai

Sendo plausível a tese de que Leonardo deixou a casa materna um pouco avançado em anos, será legítimo também supor que a inscrição inconsciente de Leonardo com

---

<sup>10</sup> A marcante oralidade pulsional presente nessas carícias não poderia deixar de se inscrever, mesmo que de modo neuroticamente inibido ou “represado”, no sorriso de Mona Lisa.

respeito ao pai não chegou a se consumir a tempo de estender uma influência considerável sobre sua identidade sexual. Isto é, quando Leonardo deixou a casa materna, a identificação sexual do pequeno à mãe já se cristalizara, a exemplo do que alude a recordação encobridora. Entretanto, a “influência do pai” (a identificação a certos traços paternos) se faria perceber em outros âmbitos da vida do artista e, sobretudo, com respeito ao desejo de, por um lado, copiar e, por outro lado, superar o “nobre cavaleiro” que seu pai fora aos olhos da pobre camponesa que ficaria incumbida de amamentar o filho ilegítimo (filho por quem Ser Piero, afinal, se “desinteressara”, ou a quem ao menos deixara para trás).

A “relação” transferencial por parte do renascentista, tempos mais tarde, em face de seu *patrono* Ludovico Sforza – o duque de Milão – conferiu elementos para Freud sustentar a tese de que foram as inscrições inconscientes de Leonardo com respeito ao pai (aquelas pelas quais Leonardo o copiava) que levaram o artista a se desinteressar reiteradamente por inúmeras obras de arte que criara, a exemplo de como o próprio Leonardo fora um dia deixado para trás pelo seu criador. É que Leonardo registrou em seus manuscritos uma observação acerca de seu patrono, observação que foi feita após o ocaso da corte de Ludovico em Milão (corte em que o florentino – enquanto perdurou o patrocínio desse destacado sucessor na série transferencial – viveu um dos mais estáveis períodos de produção artística). Em tal anotação o artista declarou, precisamente, que seu patrono nunca terminava as obras que principiava (“característica” pela qual o próprio Leonardo seria reputado). Pois bem, diante desse registro acerca de Ludovico, Freud avançou a ideia de que a identificação inconsciente ao pai é que sobredeterminava o refreamento dos impulsos artísticos do renascentista, na medida em que induzia o florentino – salvo quando encontrava um sucessor transferencial – a cumprir ele mesmo o destino de abandonar inacabadas muitas de suas criações artísticas<sup>11</sup>.

Como é notório, o literato Meyer Schapiro (1956, p. 176) considerou tal “analogia” (nas palavras do autor) entre filho e pai algo a que poucos poderiam dar crédito. Ao contrário, entretanto, dessa previsão por parte de Schapiro, Marmor, por exemplo, identificou na seguinte anotação de Leonardo acerca da morte de Ser Piero um traço

---

<sup>11</sup> Quando Leonardo escreveu sobre Ludovico, destacou uma “característica” (“não terminar aquilo que começa”) tal como se não possuísse qualquer implicação com ela (e muito embora viesse a ser reputado, e com razão, por essa mesma “característica”). Ora, aquilo que Leonardo atribui ao patrono - e que soa quase como uma queixa de abandono após o fim do ducado - é sobretudo um traço relativo ao próprio Leonardo, traço que torna o florentino mais assemelhado com o patrono e com o pai do que provavelmente ele admitiria. Por fim, tal identificação “estranhamente familiar” com um sucessor transferencial é um indicativo típico de que o traço em questão foi recalçado (e de modo tal que a anotação em tela atuou como uma espécie de “texto cifrado” na vida do adulto).

marcadamente transferencial: “*Em 9 de julho de 1504, quinta-feira, às 7 horas morreu Ser Piero da Vinci, tabelião do Palácio de Podestà. Meu pai, às 7 horas. Tinha 80 anos de idade e deixou 10 filhos e 2 filhas*” (Marmor, 2005, p. 156). Marmor associa a formalidade e a impessoalidade desse registro de Leonardo ao típico modo com que somente um tabelião – profissão essa não só do pai, mas também do avô de Leonardo – registraria um evento de tal ordem. Só mesmo muito artificialmente, diz Marmor, é que a formalidade estrita ou a frieza dessa nota autobiográfica poderia ser dissociada da profissão exercida por Ser Piero (profissão pela qual Leonardo fora, de certa forma, preterido em sua primeira infância). Como lembra ainda Marmor, Freud também se deteve nesse registro do renascentista, tendo este último destacado o estilo tão engessado pela rigidez formal e a redundância pleonástica da hora da morte, “às 7 horas” (como se vê acima), redundância que Freud compreendeu como “perseveração”, e a qual derivaria, tal como um lapso, de uma falha na coercitiva inibição ou no represamento sobre as emoções que era característico de Leonardo<sup>12</sup>. Pois bem, em face disso, eis que não é conveniente que se subestime, como fez Schapiro, a linha sucessória no campo transferencial com respeito à biografia do florentino. Dessa forma, a anotação de Leonardo a respeito de seu patrono Ludovico Sforza desponta, pois, como uma manifestação de um traço latente que concerne ao pai fantasmático.

Ora, assim como tal inscrição inconsciente constrangeu Leonardo em sua vida como artista (levando-o a fazer aquilo que por suposto seu patrono teria feito), ela não deve ter deixado de repercutir também no âmbito de suas experimentações científicas: “Se sua imitação ao pai o prejudicou como artista, sua rebeldia contra ele foi a determinante infantil do que foi talvez uma realização igualmente sublime no campo da pesquisa científica (Freud, 1910, p. 128). Em uma palavra: em suas representações fantasmáticas de superação do pai, a tradição do passado (tradição aristotélico-tomista) remontava à autoridade paterna, enquanto a “verdade da Natureza” remontava à sua mãe, que o embalou e amamentou na primeira infância<sup>13</sup>. Isto é: se por um lado a identificação fantasmática ao pai levava Leonardo a abandonar suas obras de arte (fato que o prejudicava como artista), por outro lado, a sua *rebeldia* contra a autoridade do pai (contra a tradição) o relançava incansavelmente ao seio mesmo da (Mãe) Natureza, isto é, o relançava às incansáveis pesquisas empíricas que – subsidiadas pela sublimação da libido em desejo de saber – acabaram fazendo de Leonardo

---

<sup>12</sup> Leonardo se equivocou também, nesse registro, quanto à idade de seu pai e ao número de irmãos.

<sup>13</sup> Sob a aura da constelação parental – a qual se encontrava, é claro, mergulhada em um contexto histórico preciso – é que as investigações sexuais infantis de Leonardo provavelmente produziram inscrições psíquicas marcadas pela violência das carícias maternas e pela angustiante acentuação da pergunta: “o que é um pai?”.

um pioneiro na ciência natural. Lembremos que, de acordo Freud, o renascentista foi precursor de Copérnico e de Bacon.

Pois bem, feito esse esboço acerca de algumas figurações paternas de Leonardo, será agora o caso de retomar as condensações e deslocamentos que giram em torno das aves e do seu voo.

De fato, e tal como é intrínseco ao registro simbólico, mediante um giro na constelação de significantes recobrem-se outros distintos sentidos (isto é, produzem-se novos efeitos de significação). Em um primeiro momento (ou no primeiro extrato da recordação infantil), tal giro foi o que colocou a ave ora numa posição materna, ora numa posição filial. Entretanto, o mesmo giro da constelação de significantes é capaz também de colocar a ave numa posição paterna. Com respeito a isso, basta pensar no quadro “Leda e o cisne” de Leonardo (quadro que só se conhece por cópia, uma vez que o original se perdeu). Nesse quadro, o cisne é nada menos do que o pai; e, mais precisamente, o cisne é Zeus (que adotou tal forma de ave para seduzir Leda, a rainha da Esparta). Na esteira disso, acreditamos que a seguinte profecia de Leonardo – a qual é contemporânea ao referido quadro – bem merece ser lida à luz deste último: “O grande pássaro alçará o seu primeiro vôo partindo do dorso de seu Grande Cisne; fará o mundo ficar maravilhado, será por todos descrito e *será a glória eterna do ninho onde nasceu*” (apud Freud, 1910, p. 130, grifo nosso). Pois bem, a nosso ver, a profecia sobre o Grande Cisne corrobora a tese de que o desejo de superar o pai favoreceu o pesquisador Leonardo, uma vez que este, estando “destinado” desde o berço a pesquisar e amar o voo das aves (como nos “diz” a recordação infantil), finalmente excederia o Grande Cisne (o pai) alçando o primeiro voo a partir do dorso deste, e o que então redimiria a origem ilegítima de seu ninho (origem essa cifrada na fábula da macaca, fábula a qual aponta também, tal como o vimos acima, para o destino “adulterado” ou imposto desde o berço)<sup>14</sup>. Eis, portanto, que a pesquisa científica e experimental sobre a Natureza (mãe), indo então de encontro à tradição aristotélico-tomista (pai), encheria de glória o ninho aviltado pela ilegitimidade.

### Algumas conclusões

---

<sup>14</sup> Vale lembrar que Leonardo, em razão da origem ilegítima, ficou privado dos estudos formais e do aprendizado do Latim. Por conta de tal origem, ele, ainda jovem, foi encaminhado pelo pai à oficina de Andrea del Verrocchio, na qual formou-se em meio ao universo cultural do artesãos.

Acreditamos que se pode admitir que o próprio Leonardo estaria afinal “correto” quando disse que o seu destino fora mesmo definido desde o berço (a saber, o “destino” de amar e pesquisar cientificamente o voo das aves). É que à luz das duas fábulas mencionadas (a do milhafre e a da macaca) obtêm-se razões ainda mais sólidas para posicionar o milhafre e o filhote de ave como significantes da anexação narcísica do filho pela mãe, isto é, como significantes do apetite fálico da mãe pelo filho, ou simplesmente como significantes da enigmática implantação do significante materno na criança (implantação que deflagra a humanização de um recém-chegado ao mundo ao mesmo tempo em que o “lança” em dada direção). É, pois, na medida em que se considera que “aquilo que se inscreve na criança atuará como um texto cifrado no adulto” (Jerusalinsky, 1991, p. 11) que se pode então sustentar que os conteúdos manifestos da lembrança infantil – a qual, tal como as fábulas, não deixa de obedecer a cânones literários identificáveis, cânones esses a que Leonardo parece ter acrescido afinal algo de *sui generis*, algo de si, de seu desejo inconsciente – operaram como “cifras” da traumática implantação do significante materno, e de tal modo que, tomada a recordação como lembrança infantil, fantasia ou sonho, não poderia ela senão despontar como solução de compromisso destinada a encobrir tal implantação. Viu-se, ademais, que se pode asseverar ainda que há outros extratos da recordação infantil que atinem ao pai fantasmático, ou seja, viu-se que a profecia do primeiro voo (isto é, a profecia do grande pássaro) também opera como cifração de inscrições relativas à identificação sexual tardia de Leonardo ao pai.

Em resumo quanto a isso, podemos asseverar então que os conteúdos manifestos registrados tanto na própria recordação infantil quanto nas fábulas e profecias mencionadas constituem “textos cifrados” cuja inter-relação inicialmente ininteligível na biografia adulta de Leonardo foi evidenciada, pela primeira vez, pela análise freudiana acerca da vida e da obra do renascentista florentino. Acreditamos, dessa forma, que aquilo que alguns biógrafos costumam – mediante intuições brilhantes com respeito a “conteúdos latentes” – “descobrir” no tocante à vida e à obra de seus “personagens” corresponde, no caso da psicanálise, àquilo que é franqueado no mais das vezes por conta de seu modo intrínseco de operar, isto é, pela forma peculiar como a psicanálise analisa a singularidade cultural ou histórica de um sujeito irrepitível, ou seja, pela maneira com que a psicanálise enseja uma interpretação rigorosa acerca do modo pelo qual – na “extimidade” da vida subjetiva – conteúdos latentes sobredeterminam conteúdos manifestos, sobredeterminação essa que outra coisa não é senão o retorno mesmo do recalcado. Em outras palavras, deveu-se ao modo específico da psicanálise conceber a constituição subjetiva a possibilidade de se estabelecer

um liame entre a recordação infantil, as fábulas, a profecia do primeiro voo, determinados quadros, rasgos biográficos, etc. Foi, portanto, graças a essa particular concepção de constituição subjetiva (a qual não autoriza, de forma alguma, qualquer sorte de “análises selvagens”) que então o “personagem” Leonardo pôde despontar na biografia de Freud como um *sujeito* que, embora tributário de uma forma histórica de socialização, não se limitou a ser um mero “replicador” de tradições, um mero “espelho dos costumes de época”. Eis que a psicanálise propiciou entrever – sem com isso esgotar um enigma que em si mesmo é inesgotável – certos “rasgos” absolutamente singulares de um sujeito como nome e sobrenome.

## Referências

- ANDERSEN, W. *Freud, Leonardo da Vinci and the vulture's tail: a refreshing look at Leonardo's sexuality*. Nova York: Other Press, 2001.
- ANDRADE, C. D. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Vozes, 1962.
- BATISTA, D. E. *O declínio da transmissão na educação: notas psicanalíticas*. São Paulo: Annablume, no prelo.
- BECK, J. “The dream of Leonardo da Vinci”. In: *Artibus et Historiae*, v.14, n.27: 185-198, 1993.
- BORMANS, C. (2005). *Freud et le souvenir d'enfance de Léonard de Vinci*. Texte de l'intervention au séminaire interne de l'École Psychanalytique de la Salpêtrière, 14 dez. 2005. Disponível em <<http://www.psychanalyste-paris.com/Le-Leonard-de-Vinci-de-Freud.html>>. Acesso em: 06 abr. 2011.
- DA VINCI, L. *A virgem, o Menino e Santa Ana*. 1510. 1 original de arte, óleo sobre madeira, 168cm x 112cm, Museu do Louvre, Paris, França.
- \_\_\_\_\_. *Bestiário, Fábulas e outros escritos*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Leda e o cisne. 1510-1515*. 1 Cópia de Cesare da Cesto, óleo sobre tela, 112cm x 86 cm. Galeria Borghese, Roma, Itália.
- EASTON, M. G. *Illustrated Bible Dictionary*. Nova York: Cosimo, 2005.
- ESOPO. *Fábulas: Esopo – Texto Integral*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- FREUD, S. (1905d). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. VII.

\_\_\_\_\_. (1910[1909]). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XI.

\_\_\_\_\_. (1932). Novas Conferências Introdutórias sobre psicanálise – Conferência XXXIII – Feminilidade. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XXII.

HOMERO. *Ilíada / Homero*. Campinas: Unicamp, 2008.

JERUSALINSKY, A. “Infância sem fim”. *Boletim APPOA*, s/v, n. 6: 11-13, dez. 1991.

KOLTAI, C. Impasses subjetivos e contemporaneidade: primeiras reflexões. Colóquio do Lugar de Vida / LEPSI: A psicanálise, a educação e os impasses da subjetivação no mundo moderno. São Paulo. *Anais do Colóquio do Lugar de Vida / LEPSI: A psicanálise, a educação e os impasses da subjetivação no mundo moderno*. Instituto de Psicologia e Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2000, p. 49-55.

LAFARGUE, Paul. O mito da imaculada concepção - Estudo de mitologia comparada. *A Nova Democracia*, ano V, n.31, p. 2, set. 2006. Disponível em: <<http://www.anovademocracia.com.br/no-31/422-o-mito-da-imaculada-concepcao-estudo-de-mitologia-comparada>>. Acesso em: 06 abr. 2011.

MARMOR, M. “‘...par che sia mio destino...’: The profetic dream in Leonardo and Dante”. *In: Raccolta Vinciana*, s/v, n. 31: 145-180, 2005. Disponível em: <[http://archiv.ub.uni-heidelberg.de/artdok/volltexte/2006/195/pdf/Marmor\\_Par\\_che\\_sia\\_mio\\_destino.pdf](http://archiv.ub.uni-heidelberg.de/artdok/volltexte/2006/195/pdf/Marmor_Par_che_sia_mio_destino.pdf)>. Acesso em: 06 abr 2011.

PICTET, A. *Les origines indo-européennes ou les Aryas primitifs*. Paris: Joël Cherbuliez, 1859.

ROSA, J. G. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SCHAPIRO, M. “Leonardo and Freud: An Art-Historical Study”. *Journal of the History of Ideas*, v.17, n.2: 147-178, 1956.

WHITE, M. *Leonardo, o primeiro cientista*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

**A MEMORY OF CHILDHOOD AND THE PARENTAL CONSTELLATION OF  
LEONARDO DA VINCI: PSYCHOANALYSIS, SUBJECTIVE CONSTITUTION AND  
BIOGRAPHY**

**ABSTRACT:**

Freud's study on Leonardo da Vinci has completed a hundred years. Since birth surrounded by controversy, this study still gives wings to incisive discussions. Admittedly, this study has an endogenous interest for psychoanalysts (and, moreover, it had for Freud a value of transference). Apart from these aspects, this article will also take up the thread of the debate between Freud and Schapiro, and then it will evaluate the biographical qualities of the text. With the help of not only psychoanalytic thinking, I will try to bring arguments that legitimize psychoanalysis contribution to the understanding of the renaissance artist's biography regarding its particular way of conceiving the subjective constitution.

**KEYWORDS:** Psychoanalysis and culture. Freud. Leonardo da Vinci.

**LE SOUVENIR INFANTILE ET LA CONSTELLATION PARENTALE CHEZ  
LEONARDO DA VINCI: PSYCHANALYSE, CONSTITUTION DE LA  
SUBJECTIVITE ET BIOGRAPHIE**

**RESUME:**

L'étude de Freud à propos d'un souvenir de Leonardo da Vinci a fait déjà cent ans. En étant «destiné» à ne pas faire l'unanimité, il donne encore lieu à de débats aigus. L'étude revêt pour les analystes un intérêt endogène (comme il avait pour Freud aussi une valeur transférentielle). Dans ce contexte, nous abordons dans cet article le débat entre Freud et Schapiro pour ainsi interroger en suite la valeur biographique de l'étude freudienne. Nous essaierons de montrer, à l'aide des différents commentateurs, que la psychanalyse ouvre la possibilité d'une autre compréhension biographique de Leonardo da Vinci, dû au fait de nous proposer une approche singulière de la constitution subjective.

**MOTS-CLES:** Psychanalyse et culture. Freud. Leonardo da Vinci.

Recebido em 14/04/2011

Aprovado em 17/11/2011

©2012 *Psicanálise & Barroco em revista*

[www.psicanaliseebarroco.pro.br](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br)

*Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq*

*Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.*

*Memória, Subjetividade e Criação.*

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br) [www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista)